



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

RELATÓRIO  
EXPEDIÇÃO RIO PIRANHA

DII\_DEPARTAMENTO ÍNDIOS ISOLAI  
DIRETOR: SIDNEY FERREIRA POSSUE

FCRP\_FRENTE DE CONTATO RIO PUR  
CHEFE: RIELI FRANCISCA

ELABORAÇÃO: RIELI FRANCISCA  
COLABORAÇÃO: ADR MANAUS/D

JUNHO/94



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

02

- 01 - PARTICIPANTES: Rieli Franciscato (ch. equipe)  
Rodolfo Medeiros (mot. fluvial)  
Manoel F. do Nascimento (serv. prestado)  
Manoel Nildo do Nascimento (serv. prestado)  
Manoel Carvalho (serv. prestado)  
Pyreí Uru-Eu-Wau-Wau (interprete)  
Gwaipá Uru-Eu-Wau-Wau (interprete)

02 - INTRODUÇÃO:

O presente relatório é resultado de dois meses de exaustivo trabalho em campo, onde enfrentamos situações adversas, desde a retirada de madeireiros e exploradores do território de ocupação sécular dos índios isolados, até, com as dificuldades para transpor-se em uma floresta amazônica em período chuvoso, atravessando rios e igarapés de muitos lagos e igapós sob o desconforto da roupa diariamente molhada apodrecendo no próprio corpo.

O levantamento desta região partiu das informações colhidas em outros trabalhos, já realizados, no rio Mamoriazinho e ig. Canuarú, de não índios e de indígenas Jamamadi, que no passado, trabalharam no rio Piranha e formadores do mesmo, onde encontraram vestígios e/ou mantiveram contatos visuais com o grupo indígena isolado em questão.

03 - OBJETIVO:

O objetivo deste trabalho consistiu em levantar um número maior possível de vestígios indígenas e sua disposição geográfica, para efeito de dimensionar a área ocupada pelos mesmos; Colher dados a cerca da sua cultura material e da dinâmica do grupo, para uma possível identificação étnica e também, levantar os principais problemas, que direto ou indiretamente, afeta o grupo isolado, definindo metas e novas ações nos pontos considerados críticos.

04 - ANTECEDENTES

O grupo indígena, até hoje, conhecido por Marimã/Maimã, já era citado pelo SPI desde a década de 30, na região do Riozinho e Piranha. Mantiveram contatos, intermitentes, com regionais desde a década de 50 até por volta do meado dos anos 80. Apartir desse



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

03

período não há mais informações de contato ocorrido com esse grupo, a não ser, vestígios encontrados por exploradores da região, salvo, um sub-grupo dessa etnia, em número de dez indígenas, que devido a conflitos intertribal, em julho de 1986, aproximou-se da casa do sr. João Rodriguês Auzier Filho, localizado na Ilha de Malta, próximo à 2 de dezembro no rio Cuniuá (anexo nº 01 ).

04/1 - CONTATOS OCORRIDOS

O primeiro contato que teem-se informações, ocorreu por volta do ano de 1950. O mesmo ocorreu, segundo o indígena Pedro Banawa-Yafi, residente na área indígena Banawa-Yafi, quando o "patrão" Firmino e seu irmão Basse Banawa, quando iam para a pesca no rio Branco. Pouco acima de sua fóz, encontraram com um grupo de índios em uma praia coletando óvos de tracajá. 'O contato se deu de forma pacífica, em língua Banawá'. O índio que aparentava liderar o grupo, identificou-se como "SUZU", povo "HI'MERIMÁ".

A convite de Firmino, os indígenas foram levados para o barracão, localizado no Piranha, fóz do ig. Banawá, onde permaneceram por seis dias. Após receberem facas, terçados, machados e panelas, com a promessa de mais "presentes" se trabalhassem para Firmino, foram deixados novamente no rio Branco.

Depois desse contato, o grupo começou frequentar constantemente, passando longos períodos nas adjacências de São Joaquim, próximo a fóz do rio Branco (anexo nº 02 ), até que um certo dia, o sr Vitor, acompanhado do índio Palmari "João Grande" (âmbos falecidos), foram até o tapiri do grupo, que além de abusarem sexualmente das mulheres, assassinaram um casal indígena. O restante fugiram, não voltando mais frequentar o local.

No ano de 1962, o sr. Francisco das Chaga Souza Amorim, residente na Maloca Pequena, próximo a Ressaca da Onça, quando navegava pelo rio Piranha, acompanhado dos srs. Josiel e Magno, nas imediações do ig. Araça (anexo nº 02 ), em uma praia, avistaram vestígios dos índios isolados. Ao encostarem na mesma, encontraram um "panáco" (receptiente confeccionado com palha de palmeira, utilizado como depósito e no transporte de alimentos e outros), apanhando este para ver o que havia dentro, "uma índia surgiu da mata com arco e flecha em punho, emitindo fortes gritos". Segundo Francisco, quando deixaram o "panáco" no local onde o encontraram, a índia também baixou o arco. Em seguida apareceu um índio. O invasor disse-nos que traziam,



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

04

na canôa, carne de veado e alguns peixes, sendo esses oferecido, aceitaram somente a carne de veado. Francisco que diz falar em língua Banawá, segundo, comunicou-se sem muitas dificuldades com os indígenas. Os mesmos diziam ter duas malocas e apontavam em direção ao Riozinho e que, <sup>GASTOU</sup> um dia e meio para a primeira maloca e mais um dia de caminhada para a segunda e que ainda, eram um povo numeroso.

Em 1976 um novo contato ocorreu no alto rio Piranha (anexo nº 02), quando um grupo de sorveiros faziam a extração desse vegetal, formado por Bernardo Cunha Reis, Marçelino Cunha Reis, "Tição" (irmão de Bernardo e Marçelino, ambos filho de Firmino) e Bassé Banawá.

Segundo Marçelino, já era por volta das 22:00h, quando um índio gritou da outra margem do rio, deixando no acampamento todos muito preocupados. Bassé comunicou-se com o mesmo, este pediu que o atravessasse. Em seguida, após o primeiro indígena ter se aproximado do acampamento, um número de mais dez indígenas, também chegaram ao acampamento dos sorveiros. Foi oferecido à eles carne de caça e farinha. Os mesmos comeram e passaram a noite em um outro acampamento armado de lona ao lado. Durante a noite ouvia-se, no entorno do acampamento, barulhos e assovios emitidos pelo restante do grupo que estava escondido na mata. Quando amanheceu, o grupo que estava no barraco, pediram-lhes facas, terçados e machados e, em seguida atravessaram o rio juntando-se ao restante formando um número de mais de 50 homens, que rapidamente dispersaram-se na mata.

Naquela mesma semana, quando "Tição" estava extraíndo sorva, o mesmo foi surpreendido por um grupo de 7 homens, 1 mulher e 1 criança, amarrando-lhe em uma árvore e, depois de cortarem o seus cabelos a golpe de terçado, ameaçavam mata-lo. Segundo, a índia impediu que ele fosse linxado.

Durante os dias que estes sorveiros permaneceram no local, o acampamento era visitado pelos indígenas, levando suas provisões de açúcar, farinha e os instrumento cortantes de metal. Os sorveiros começaram a enterrar a alimentação para que as não fossem encontradas pelos indígenas. Certa noite, próximo da baixada, quando começaram a trazer os paneiros com a sorva e deposita-los no rio, os mesmos eram retirados para a terra e abriam, segundo, a procura de farinha.

Vale salientar que esse ocorrido, ouvimos em três



versões, deixando evidências de que muitas informações estavam sendo ocultadas. Ouvimos o srs. Marçelino, Francisco Chagas e Jorge, destes, só Marçelino participou do contato e, os mesmos diziam apenas aquilo que era conveniente a eles.

O último contato, que se tem informações, ainda muito vagas, ocorreu no primeiro semestre de 1986, no ig. Piquiá, afluente da margem direita do rio Cuniuá, resultando no assassinato de um indígena e ferimento em um não índio (anexo nº 01, 02 e 03).

#### 04/2 - VESTÍGIOS LOCALIZADOS PELOS EXPLORADORES

No ano de 1978, o sr. Valdir Malvera, residente no Estirão do Surubim, próximo à Ressaca da Onça, acompanhado de mais três pessoas, encontraram 02 (dois) acampamentos indígenas no alto rio Piranha (anexo nº 02). Em um dos mesmos, em um tapiri tipo "óca" (todo cercado com palhas), encontraram no seu interior uma páca criada pelos indígenas, que assustou-se com a chegada dos invasores e fugiu pelo varadouro, acompanhando os vestígios deixados pelo grupo, que também, havia fugido com a aproximação deles. Segundo Valdir, no acampamento estava todos os pertences dos indígenas. Até o fogo ainda estava aceso.

Em 1986, Sebastião da Silva Santos, residente na Ressaca da Onça, acompanhado de Raimundo e Feliciano, quando estavam extraíndo sorva no alto rio Branco (Forquilha Preta), precisamente no ig. do Cócô (anexo nº 02), enquanto seus companheiros estavam para a caça, ele, Sebastião, foi tirar palha para empaneirar a sorva, passado uma meia-hora, quando retornou os isolados já haviam visitado o acampamento, levando panelas, machados, terçados, farinha, rede de dormir e um cachorro.

No dia seguinte, acompanharam os vestígios deixados pelos indígenas. Com menos de 1 hora de caminhada, alcançaram os índios ainda no local onde haviam pernoitado. Sebastião disse não ter avistado os mesmos: Só ouviram o barulho deles correndo. "Apressados, cortaram o punho da rede e saíram arrastando a saca de farinha, espalhando-a pela mata".

Sebastião nos disse ainda, que nesse mesmo ano, entre o Forquilha Preta e o Riozinho, encontraram entorno de 10 (dez) acampamentos indígenas, alguns com mais de 06 (seis) tapiris. Em um certo local, encontraram vários montes de palhas de jarina, certamente para construção de maloca ou acampamento. Nas nascentes do Forquilha Preta o sorveiro disse haver um patoazal grande, onde os indígenas



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

06

frequentam muito para coléta do mesmo: "Pareçe até um roçado de tanto patoá derrubado". Neste local foi encontrado por eles, uma gorveira com a cásca toda perfurada de flecha, na qual havia também, uma faca cravada no tronco. Sebastião concluiu: "eu sai de lá porque não gosto de ficar no meio desses bicho".

Francisco Peixoto, residênte na colocação S. Joaquim (rio Piranha), nos informou que seu primo Antônio, residênte na colocação Conceição, no Piranha, no ig. do Côcô (anexo nº 02 ) em 1.991, avistou cinco índios isolados e encontrou muitos vestígios na região.

Francisco nos disse ainda, que quando trabalhou no rio Piranha, também em 1.991, no ig. Macaco Prêgo, abaixo do ig. do índio (anexo nº 02 ), na região, encontrou 10 (dez) acampamentos dos índios e muitas panelas, das quais, troxeram duas. Os vestígios, segundo ele, eram de aproximadamente dois anos.

No ano de 1.992, Valdir Malvera (já citado) encontrou 02 (dois) acampamentos nas imediações do ig. Araça, afluênte da margem esquerda do médio Piranha (anexo nº 02 ). Segundo o mesmo, os vestígios eram rescentes, coisa de uma semana. No moquem encontrado, ainda havia banha da caça que nele foi assada. Também disse ter encontrado, um varadouro muito aberto deixando o Piranha em direção ao rio Branco.

Em 1.993, este mesmo Senhor (Valdir Malvera) e no mesmo local, quando subia pelo Piranha, acampou-se para pernoite e, em seguida saiu para pescar. Não distânte do acampamento, começou a ouvir barulhos estranhos, imaginando ser os índios, retornou para onde estava seus companheiros. Na manhã seguinte, foram tirar a dúlvida: estava lá os rastros dos indígenas.

Valdir nos afirmou, que em todos os anos, no verão (período não chuvoso), os índios isolados deixam vestígios nas imediações do ig. Araça: "eles vem tirar óvos de bicho de cásco".

Quando no retorno da equipe à Lábrea, o sr. Dominguês Costa de Souza, residênte nesta cidade, comunicou-nos que no mês de abril do ano em curso, quando ele e seu irmão Francisco estavam extraíndo óleo de copaíba nas cabeçeira do ig. Pirarucú (anexo nº 02 ), encontraram um acampamento indígena já bastante antigo. Nesta mesma região, os mesmos estavam com um acampamento instalado para a extração do vegetal, quando penetraram um pouco mais no sentido norte, nas margens do igarapé, onde estavam pescando, começaram a ouvir barulhos, a princípio, pensaram em ser uma manada de queixada.





Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

07

Derrepente, ouviram vózes bém próximo de onde estavam, só ai que, notaram que era os índios. O mesmo nos disse, que tiveram que fugir as pressas e não retornaram mais ao local, desistindo da extração do vegetal.

Domingos nos comunicou ainda, que na mesma época o sr. Siné, residente no rio Mamoriazinho, interior da AIN. Jamamadi, encontrou vestígio dos isolados no alto ig. Vara (anexo nº 02 ). Segundo o referido Senhor, havia encontrado um barreiro de anta, onde colocou 04 (quatro) espingardas cartucheiras de armadilha. Na manhã seguinte, quando foi ver a armadilha, ao chegar no barreiro, ouviu uma manada de queixada que vinham figindo, passando próximo de onde ele estava. O mesmo saiu perseguindo a manada. Logo próximo, encontrou rastros de uma pessoa, descalça, já depois que os queixadas haviam passado, pouco mais adiante já era rastros de aproximadamente 15 (quinze) pessoas, sobre os rastros da manada, da qual, ainda estava ouvindo o barulho. Tendo a certeza de que eram os índios isolados, desse ponto o caçador retornou.

Vale lembrar, que Siné é o mesmo caçador que encontramos no ig. Caiã no início deste ano, com duas antas já abatidas, dizendo com orgulho, que só naquela região (interior da AIN. Jamamadi) já tinha matado 101 (cento e uma) antas. Encaminhamos denúncia ao IBAMA local, à cerca da caça comercial na região, mais, até o presente momento nenhuma providência foi tomada (anexo nº 04 ).

05 - DESCRIÇÃO DOS INDÍGENAS E DA CULTURA MATERIAL

a) - Marcelino Cúnha Reis (informante):

- estatura mediana
- cabelos curtos (homens) e longos (mulheres)
- lábios inferiores perfurados, nos quais usam uma tala de arumã
- o pênis é protegido em um estójo de envira, preso na vertical em um cordão que envolve a cintura.
- mulheres usam tanga, confeccionadas com algodão e envira
- arcos confeccionados com patoá
- flecha de xuxió (cultivada)
- redes confeccionadas com envira

b) - Francisco Chagas S. Amorim e Pedro Banawá:

- iden
- iden



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

08

- não usam perfurar os lábios
- iden
- iden
- iden
- flechas confeccionadas com arumã, envenenadas
- iden

Segundo os informantes, os índios que aparecem no rio Branco e médio Piranha, imediações do ig. Araça, são os que não usa a tala de arumã nos lábios e, segundo Pedro Banawá, no contato com Firmino e Bassé, eles disseram que não plantam roça. Vivem apenas de caça e coléta. Já os do alto Piranha, tem os lábios perfurados, objeto de sua cultura material é confeccionados com algodão e fazem uso de xuxió, que é cultivado.

EM TEMPO: Dominguês, também nos comunicou, que quando chegaram na colocação São Raimundo (anexo nº 02), em março deste ano encontraram vestígios dos isolados, ao redor da casa e local onde retiraram xuxió para elaboração de flecha.

06 - SITUAÇÃO DA ÁREA:

Gostaria de ater-se nas questões que envolvem somente os índios isolados. Mais diante da situação caótica que se encontra as áreas indígenas Banawá-Yafi e Jarawara/Jamamadi/Kanamati, que direta ou indiretamente, afeta o grupo isolado, pensamos em um levantamento mais amplo, para subsidiar também, a ADR que detem referidas áreas indígenas sob sua jurisdição, para uma possível parceria na fiscalização, uma vez que os problemas são comuns.

Nas ultimas décadas as áreas indígenas Banawá e Jarawara/Jamamadi e o território de ocupação secular do grupo não contatado, vem sendo duramente agredida pela exploração selvagem do "homem branco". A omissão dos órgãos governamentais e a impunidade dos inflatores, pulsiona a ação nefasta, causando morte e destruição.

06/1 - EXPLORAÇÃO DE MADEIRAS:

No rio Piranha há mais de uma década que vem sendo explorada a madeira de copaíba, envirola, samaúma e outras e a sete anos o Jacarandá.

Em relatórios anteriores, já chamava a atenção,





Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

09

preocupado com a extinção da madeira do baixo dos rios, essa atividade passaria ser desenvolvida nos altos e igarapés, tornando-se <sup>AMÉSSA</sup> constante aos grupos isolados. Porém ficou constatado, nesse trabalho, que no Piranha há pelo menos 04 (quatro) anos, que a exploração de madeira acontecia, avelia, nas áreas indígenas e no âmago da área de ocupação sécular dos indígenas, até então, não identificados.

A primeira madeira retirada, foram aquelas que flutuam: a copaíba, samaúma, enviróla e outras. O corte dessas madeiras é feito em épocas de estiagem, nos últimos dois meses que antecedem o período chuvoso, em áreas que temporariamente ficam alagadas (igapó). Quando caem as chuvas elevando os rios ao seu nível máximo, nos meses de janeiro à março, as madeiras são retiradas manualmente para os leitos dos rios, onde são juntadas, formando enôrmes jangadas e, rebocadas por um ou mais possantes rebocadores, são levadas às serrarias ao longo do Purus e Manaus.

Toda a madeira de área de igapó no Piranha, indo de sua fóz até acima do ig Jacaré, já foram retiradas, inclusive das áreas indígenas.

A exploração do jacarandá, começou afetar as populações indígenas, no Piranha, em 91. Segundo o sr. Francisco das Chagas S. Amorim (mencionado anteriormente), nesse ano (91), um antigo morador da Ressaca da Onça, sr. José Guedez, hoje reside em Manaus, retirou mais de 200 M<sup>3</sup> do interior da área indígena Banawá-Yafi, com o agravante, do pagamento ter sido bebidas alcoólicas e outras "besteiras", não chegando a corresponder nem mesmo a mão-de-obra. Esse mesmo madeireiro, deixou ainda, 50 toras de jacarandá já pronta para o embarque, que segundo o informante, seria feito em abril do ano em curso. O fato do madeireiro não ter aparecido, Francisco atribuiu à nossa presença: "até os regatões, tem mais de 40 dias que não entram no Piranha!".

No decorrer desse trabalho, no dia 30 de março do corrente ano, fizemos a retirada de um grupo de madeireiros do alto rio Piranha, abaixo da fóz do ig. Pirarucú e, pretendiam chegar até o ig. Azul, para fazer o embarque de 70 M<sup>3</sup> de jacarandá, equipados com o motor rebocador Salmo 128, de propriedade do sr Raimundo Moreira (residênte em Manacapurú-AM) e uma balça com capacidade para 300 ton., denominada Bororó/Santarém-PA, de propriedade da madeireira de origem alemã, Teodonala. No retorno, seria embarcado também, 40 M<sup>3</sup> da mesma espécie no



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

10

rio Aripuanã, maioria proveniente da área indígena Jarawára.

O grupo era formado por seis pessoas. Entre eles estavam: "Nená" Moreira (filho de Raimundo Moreira), Valdir Malvera Marçelino Cúnha Reis, ambos executores da derrubada da madeira (residentes na Ressaca da Onça). Não podemos <sup>atuar</sup> autorizar os referidos inflatores, como mereciam, devido a área não ser oficialmente reconhecida. No entanto, só foi possível retirá-los, sem que embarcassem a madeira, devido os mesmos estarem completamente irregulares, sem guias para transporte e autorização para desmate.

Vale salientar, que a madeireira Teodonaia detém um plano de manejo florestal no baixo Tapauá, o qual, é utilizado para esquentar toda a madeira retirada na bacia do Tapauá, Cuniuá Piranha, quando a madeira sai no Purus, já sai "legalizada" (estas informações foram prestadas pelos próprios cortadores de madeira Valdir e Marçelino).

A única madeira que saiu com convicção dos índios foi a retirada na área Banawá, mesmo assim, sobre pressão coagindo os indígenas.

06/2 - CACA E PESCA

No Purus e seus tributários, a perseguição à caça e ao "bicho de casco" e a atividade pesqueira, iniciou-se desde o século XVII, tornando-se na época, um dos maiores fornecedores de carne, banha e óleo para iluminação da antiga capital Barcellos. Porém, hoje constata-se com facilidade a escassez e/ou algumas espécies em vias de definitiva extinção. Para se ter uma idéia, durante a realização deste trabalho navegamos mais de 800Km (x2) e caminhamos em torno de 200Km pela floresta, entre os rios Mamorazinho e Riozinho, nesse percurso, não avistamos "bicho de casco" nem encontramos uma manada de porção (queixada). Constatamos, não com muita frequência, vestígios de ánta e caititú.

Apesar dessas espécies estarem com uma população bastante reduzida, há regionais, regatões e comerciantes mantendo a caça como uma fonte de renda. Segundo o sr. Francisco Chagas Amorim e o sr. Matias, missionário da JOCUM-Jovens Com Uma Missão, sai anualmente, do médio e alto Piranha, nos meses de maio à agosto, 2 toneladas de carne de ánta, caititú, veado e outros, para os comércios de Tapauá, Fóz do Tapauá, Camaruã, Manacapurú e até Manaus.

Os indígenas Banawá e ribeirinhos, anunciam a



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

11

extinção do tambaqui, pirarucú e do peixe-boi nesta região. Segundo os mesmos, o rio era farto dessas espécies, no entanto, há mais de 10 anos que não se vê tambaqui e muito raramente, encontra-se peixe-boi, pirarucú e, atribuem o desaparecimento à pesca comercial que ocorre em largas escalas, por barcos pesqueiros de Manaus, que não respeitam nem mesmo a época da desova.

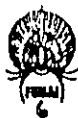
Nos últimos dois anos o número de peixes menores como a matrinhã, aruanã, etc., diminuíram sistematicamente. Nesse inverno, os regionais afirmam que foi um ano de fome e miséria: não conseguia pescar nem para a subsistência.

No inverno de 92/93, os índios Banawá foram aliciados pela firma pesqueira do sr "Carlito", proprietário das embarcações Carlos Francisco e Capitão Fumaça, sendo presenteados com um motor rabeta de 2HP para que os mesmos permitissem a pesca próximo suas aldeias. Hoje, apesar dos indígenas terem uma posição contrária, porque já sentiram o dano que isso os causou, são coagidos pela empresa que insiste em pescar naquele local. Só nos meses de dezembro e janeiro último, foi retirado cerca de 150 toneladas de Jaraqui, surubim, matrinhã e outros, das proximidades das aldeias indígenas.

Ameaçados, também em vias de definitiva extinção, estão os quelôneos. Na época da desova, barcos regionais, oriundos das margens do Purus, adentram nesse rio, levando dezenas de centenas de "bico de casco", para os comércios de Tapauá, Fóz do Tapauá, Camaruã e outras. Os tracajás e tartarugas são mantidos em cativeiros submersos, sob os comércios flutuantes, para não serem encontrados pelas esporádicas fiscalizações do IBAMA.

06/3 - PESSOAS ENVOLVIDAS E BARCOS UTILIZADOS NA CAÇA E PESCA:

- Barco Madona de propriedade do sr. José Ferreira, residente em Tapauá.
- Barco Ana Maria de propriedade do sr. Edgar, vulgo "Gazinho", residente na Fóz Tapauá.
- Barco Salmo 128 de propriedade do sr. Raimundo Moreira, residente em Manacapuru.
- Barcos Carlos Francisco e Cap. Fumaça, de propriedade do sr. "Carlito", residente em Manaus.
- Pedro Cabral, residente em Camaruã.
- Pedro Machado
- Toda a população da Ressaca da Onça.



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

12

06/4 - RESSACA DA ONÇA:

Ressaca da Onça, localizada na margem direita do rio Piranha, extremo oeste da área indígena Banawá-Yafi (anexo nº 05) abriga uma população (não índia) de aproximadamente 40 pessoas representando uma das maiores ameaças aos indígenas da região principalmente os isolados.

A economia gira em torno da extração de vegetais: a copaíba, a sorva e a castanha, que são extraídas, normalmente, nos meses de janeiro à maio e, ultimamente a madeira, que é feito o corte nos meses de setembro à dezembro. Na entre-safra, nos meses de maio a setembro, as principais atividades é a pesca e a caça comercial. O sistema é o tradicional: patrão/freguês.

Quase todas as atividades econômicas dessa comunidade e desenvolvida no interior das áreas indígenas Banawá Jarawára/Jamamadi e/ou território dos do grupo isolado. Um dos maiores castanhais da região, apesar de grande parte estar dentro das referidas áreas indígenas, é dominada pela população "branca", que usurpa o direito dos índios extraírem o produto, ficando eles com uma área restrita para o trabalho. Outras atividades, além de serem efetivadas nas áreas antes mencionadas, não desenvolvidas no rio Branco e alto Piranha, Aripuanã e formadores dos meandros, forçando os isolados a fugas constantes, comprometendo sua sobrevivência física.

06/5 - SERVICO MISSIONARIO

Entre as áreas indígenas Banawá e Jarawára/Jamamadi há pelo menos três bases missionárias, localizadas nas aldeias São Francisco, Maloca Banawá e a terceira na Ressaca da Onça. Os trabalhos são coordenados pelo Summer Institute Of Linguistics, que tem a função de pesquisar as línguas indígenas para tradução da "Bíblia Sagrada" nos dialetos das comunidades. Quando o ensino da escrita para a introdução da religião não é feita pelo próprio Summer, essa atribuição passa ser da Jocum ou Novas Tribos. No caso aqui, Jocum-Jovens Com Uma Missão.

Quanto aos trabalhos desenvolvidos, há fatores positivos e negativos. De positivo se observa, que pelo menos com relação ao consumo de bebidas alcoólicas, do que apuramos, diminuiu consideravelmente e quanto a assistência à saúde, bem ou mau, tem prestado, o que a FUNAI não vinha fazendo ou fazia com precariedade. Por outro lado, em termos culturais, foram massacrados: "Deixaram de serem



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

13

filhos do mundo, são agora filhos de Deus".

Ambiciosos em "salvar alma de pagãos", missionários da Jucum, no ano de 90/91, mandou equipe para o rio Br e alto Piranha, com o objetivo de contatar o grupo isolado Marimã tentativas fracassaram, sendo descrito por Gunter Kroemer (do CIMI) seu livro A Caminho das Malocas Zuruahá, assim: "A Misão JOCUM (Jo Com Uma Missão) mandou três missinários crentes para iniciar um trabalho de evangelização, alheios a qualquer tipo de indigenismo razão manobraram apenas "confiando em Deus", desprezando até o mínimo de infra-estrutura, exigida para um trabalho indigenista com índios relação com brancos".

Com o aparecimento dos isolados próximo à aldeia S. Francisco (área indígena Jarawára) no mês de maio ultimo, fez com seus ânimos se reestabelessem para novas tentativas de contato. A esse respeito o missionário Matias (Ressaca da Onça), perguntou-nos, quais seriam as chances deles alcançar os Marimã. Deixamos claro que nenhuma. Nos dias que estivemos no local, os índios Banawá foram convidados, através do rádio, pelo sr. Robert And Barbara Campbell, missionário do SUI, a ser localizado na aldeia S. Francisco (Ain. Jarawára), para participar juntamente com dois indígenas Jarawára e dois Jamamadi, das buscas dos isolados (informações repassadas pelo índio Pedro Banawá, um dos convidados).

07 - PERCURSO:

Partindo de Lábrea-AM através do rio Purus no sentido jusante, navega-se pelo referido rio até a confluência do rio Tapauá, pelo qual, segue-se até a foz do rio Cuniuá, navega-se por ele até a foz do rio Piranha, através do qual chega-se a foz do rio Aripuanã, onde ficou a base da equipe, que é o barco Kukahã. A partir desse ponto, continuando ainda pelo rio Piranha, utilizou-se embarcação menor até suas cabeceiras, fazendo incursões terrestres do médio ao alto rio (anexo nº 06).

OBS: Informações complementares no final do relatório.

08 - DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO:

Dia 22/03/94 ter





Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

14

Saimos de Lábrea as 8:00h, parando para perno  
as 21:50h, já no rio Muçum.

Dia 23/03/94 qua

Retornamos a viajar as 7:00h, às 16:00 chegamos  
ig. Joari, AIN. Juma.

O objetivo da nossa passagem pelos Jumas foi pa  
ver como os mesmos estavam e também, para deixar os indígenas Uru-E  
Wau-Wau, para auxilia-los na caça e pesca e na coléta.

Dia 24/03/94 qui

Começamos baixar as 15:00h e, viajamos até  
3:30h, parando para pernoite já próximo do Purus. Nesse percurso, hou  
problema mecânico no motor, passamos 4h parado até que consertasse  
mesmo.

Dia 25/03/94 sex

Saimos as 7:00h. Tivemos que passar, ainda, e  
Canutama, para tomar emprestado, da FNS, um balde de óleo lubrificante  
de onde saímos as 10:00h, chegando na fóz do Tapauá as 18:50h, pelo que  
navegamos até as 23:30h.

Dia 26/03/94 sab

Retomamos a viagem as 7:05h. Navegando uma hor  
e trinta, chegamos na fóz do rio Cuniuá e as 15:50h, adentramos no ri  
Piranha, parando para pernoite na colocação S. Joaquim, as 19:00h.

Dia 27/03/94 dom

Tomamos algumas informações s cêrca dos índios  
isolados com o sr. Jorge e Francisco Peixoto e também, tentamos obter  
informações da situação da área com relação à retirada de madeiras e  
algum outro tipo de exploração na região. Os mesmos negaram tudo que  
sabiam: "Aqui não tem ninguém tirando madeira".

Deixamos a colocação de S. Joaquim as 8:40h  
chegando na Ressaca da Onça as 11:30h, onde tentamos encontrar alguém  
para servir como guia. No local, obtivemos informações que uma balça  
madeireira estava para o alto Piranha fazendo o embarque de Jacarandá  
Certamente devido a convivência dos moradores na retirada ilícita de



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

15

madeiras e/ou por motivos escusos, Recusaram-se em alguém acompanhar na expedição, muito menos, colaborar com informações.

As 12:00h deixamos a Ressaca da Onça. A partir desse ponto, passamos a acompanhar o percurso, cuidadosamente, cartas geográficas, para que não deixasse dúvidas, quanto localização dos pontos de onde iria partir as expedições, para que podessemos protar em mapas, o trajeto e vestígios localizados com maior precisão. Chegamos na fóz do Aripuanã as 16:20h.

Achamos melhor que o barco, o Kukahã, ficasse nesse ponto, devido não conhecermos o rio, o comportamento das águas, uma vez que já estava próximo a vazar, poderíamos ter dificuldades no retorno.

Dia 28/03/94 seg

Passamos o dia arrumando os materiais necessários para realização da expedição.

Dia 29/03/94 ter

A equipe que estava composta com um número de seis pessoas, foi sub-dividida, ficando dois membros no Kukahã e o restante, as 8:00h, continuou ainda pelo Piranha, sentido montante, agora, utilizando um motor de popa de 40 HP em uma canoa de alumínio com capacidade de 1 tonelada.

Paramos para pernoite as 16:30h, pouco abaixo do ig. Pirarucú. Nesse percurso, ao longo do Piranha, encontramos 08 (oito) acampamentos de exploradores de madeira e copaíba e de caçadores. Nas encostas do rio as provas da destruição: São toras que se desprendem das jangadas, ficando centenas delas abandonadas pelos madeireiros, isso devido, a madeira não ter nenhum custo para os mesmos além da mão-de-obra: "Terra de índio é terra de ninguém".

Dia 30/03/94 qua

Saimos as 7:00h. Com aproximadamente uma hora de viagem, alcançamos a balça madeireira, ainda subindo, com uma tripulação de 06 (seis) pessoas, entre eles, "Nena" MOREIRA (filho do proprietário, Raimundo Moreira), Marçelino Cunha Reis e Valdir Malvera, os dois últimos, responsáveis pela derrubada das árvores de Jacarandá.

Diante de quatro membros da equipe, os próprios



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

16

madeireiros afirmaram ter explanado, nas margens do Piranha, 70 M<sup>3</sup> de Jacarandá e mais 40 M<sup>3</sup> no Aripuanã. Os mesmos não dispunham de documentos, mesmo de validade precária, para fazerem a retirada de madeira, o que talvez, facilitou expulsá-los.

Notificamos referidos madeireiros (anexo nº 07) e determinamos que se retrisassem imediatamente. Não houve resistência lamentando, fazendo o papél de vítimas começaram baixar. Acompanhamos-o até quase o anoitecer, para que tivéssemos a certeza de que iam mesmo embora.

Dia 31/03/94 qui

Amanheceu chuvoso, estendendo-se chuva fina até tarde. Não viajamos devido ter que ir acompanhando o percurso em mapas como dispunhamos no momento de uma única cópia, não podíamos expor chuvas.

Dia 01/04/94 sex

Deixamos o local onde pernoitamos as 6:45h, após uma hora e quinze minutos, chegamos na confluência do ig. Pirarucú. Mesmo de frente com a foz do citado igarapé, a marca dos exploradores. Um acampamento (foto nº 09).

As 9:00h estávamos no ig. Azul e, com mais quarenta minutos de viagem, alcançamos o ig. Jacaré. Até este ponto não tivemos dificuldades para nos localizar com precisão. Já acima do referido igarapé (Jacaré), onde o Piranha tornou-se estreito, já não mostrava detalhes, nas cartas geográficas, das voltas do rio, apartir daí, fomos nos orientando somente pelos igarapés, que também não foi nada fácil, devido o rio estar muito cheio, as fôz estavam cobertas.

Paramos as 15:00h, onde instalamos o acampamento para começar a expedição a região (anexo nº 08).

Nesse percurso, constatamos que a retirada de madeira branca flutuante, a copaíba, envirola, samaúma e outras, foi retirada até acima da fôz do ig. Jacaré (anexo nº ). em anos anteriores. Nesse ano, a madeira que seria retirada seria o Jacarandá. Várias explanadas da mesma, encontramos nas margens do rio esperando pelo embarque. A ultima explanada estava localizada na fôz do ig. Azul (anexo nº 09).



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

17

Dia 02/04/94 sab

Dois membros da equipe saíram para dar uma olha cuidadosamente, nas adjacências do acampamento, para ver se havia algum vestígio indígena novo e próximo do local onde estávamos. No preocupação, por não poder dividir ainda mais a equipe, era em deixar seguro os materiais sem que os indígenas os encontrassem. À tarde quando retornaram, trouxeram notícias de vestígios ao sudeste do acampamento, que antigas, coisas de mais de quatro meses.

Dia 03/04/94 dom

Deixamos o acampamento às 8:00h em rumo sul objetivando alcançar as águas do rio Mamorizinho (anexo nº 10). Desde o meio-dia começamos a encontrar quebradas dispersas, sempre em margens de igarapés pequenos, correndo para nossa esquerda. Paramos às 15:30 exaustos. A forma do terreno, extremamente drenado por seguidas profundas grôtas exigia muito esforço físico.

Dia 04/04/94 seg

Em cada igarapé que atravessávamos, que tivessem margens baixas, encontrávamos vestígios dos isolados. As quebradas não chegavam a formar varadouro, eram quebradas por onde esporadicamente passavam a procura de caça e coléta e eram do verão passado. Às 14:00 encontramos um igarapé grande (6 metros de largura), regionalmente conhecido por Sucubál, onde paramos para bater a região.

Constatamos a existência de um varadouro acompanhado o igarapé, o qual tivemos dificuldades para acompanhar devido estar encoberto pelas águas. Mesmo assim foi possível observar vestígios de aproximadamente três anos e também de uns seis meses. Não encontramos acampamentos.

Dia 05/04/94 ter

Saimos às 8:00h, retomando o mesmo rumo que até ali chegamos. Assim que fomos distanciando do igarapé os vestígios foram ficando menos intensos. Por volta das 13:00h, começamos a encontrar seringueiras cortadas há mais de dez anos. As estradas (picadas) já estavam completamente fechadas e, vinham da direção do rio Mamorizinho.

Paramos às 17:00h. No trecho que encontramos sinais de seringueiros não vimos mais sinais dos indígenas.



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

18

Dia 06/04/94 qua

Deixamos a bagagem onde pernoitamos, dividido-nois seguiu em direção ao sul, chegando até nas águas do rio Mamoriázin e os outros dois membros da equipe tomaram rumo oeste (anexo nº 10). Ambas equipes não localizaram mais vestígio dos indígenas. Toda a região que percorremos, nesse dia, encontramos muitas estradas de seringa, não recentes.

O objetivo específico desta caminhada, consistiu em constatar a existência ou não, de um varadouro que supunhamos existir no divisor das águas do Mamoriázin com as do Piranha, fazendo a ligação do alto deste com as cabeceiras do igarapé Pirarucú. Porém ficou constatado, que não há o varadouro como imaginávamos e, que os indígenas dificilmente andam em terras altas, longe de igarapés grandes por dois motivos (supomos): A mata do centro, fora dos igarapés é muito pobre de caça e pouco tem para coletarem e segundo, por causa do terreno ser extremamente ondulado.

Dia 07/04/94 qui

Iniciamos o retorno para o Piranha as 8:30h. Com chuva que havia caído na noite anterior, tivemos que atravessar o igarapé do ig. Sucubál, com águas acima da cintura.

Dia 08/04/94 sex

Chegamos no Piranha as 13:00h. O retorno tornou-se lento devido um membro da equipe ter contraído malária.

Dia 09/04/94 sab<sup>a</sup>

Tiramos o dia para descanso e para fazer manutenção nos equipamentos.

Dia 10/04/94 dom

Permaneceu dois membros no acampamento e o restante (dois), saíram para fazer levantamento na região, onde já havia sido encontrado vestígios dos isolados, ao sudeste do acampamento. Com uma hora e meia de caminhada, no rumo antes citado, chegamos na margem de um igarapé de aproximadamente 2 mt de largura, que corria para nossa esquerda indo no sentido do Piranha (anexo nº 11). A partir desse ponto, acompanhando o referido igarapé no sentido jusante, começamos encontrar





Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

19

vestígios dos isolados. Na medida que iam baixando, ficando próximo do Piranha os sinais aumentavam cada vez mais. Havia um corte cortado com instrumento de metal, possivelmente terçado, chegado a fazer com que pensássemos ser vestígio de "branco", mais, pouco adiante encontramos cestos, não deixando dúvidas, era mesmo isolados. Apesar de por onde andássemos ter quebradas e cortes, chegamos ao igapó do Piranha e não conseguimos encontrar um varadouro que dava para ser seguido. Tomamos rumo de  $120^{\circ}W$ , acompanhando o igapó do rio. As 15:00h, saímos em um varadouro que foi extremamente utilizado no verão passado (93), ficando marcas profundas no solo (ver foto nº 19<sup>o</sup> 020). Seguimos este, em direção ao Piranha (anexo nº 10), que estava a 10 Km. Nesse percurso, encontramos um local onde derrubaram uma árvore de seringa, utilizando um instrumento de ferro (machado) já muito gasto com o uso, acabou ficando pequeno, pois, notava-se as marcas dos golpes na madeira, não tinha mais que 3 cm. Próximo do igapó do Piranha encontramos um acampamento de um tapiri apenas (anexo nº 11 e foto nº 19<sup>o</sup> 021). Ao redor do mesmo, os arbustos e as palmeiras de caranai estavam todas quebradas, certamente para que pudessem observar do interior do tapiri o que acontecia ao redor. O tapiri aparentava ter sido construído em junho/julho de 93, sendo ocupado até dezembro (última vez que passou por ali). Sob este, que estava parcialmente caído, encontramos 06 (seis) panelas de cerâmica, duas delas ainda sem uso (foto nº 27), argila preparada para confecção de outras, pilão de cascas de Jutai, astes para flecha, restos de cará nativo e uma infinidade de cestarias. Encontramos também, as cascas da semente de seringueira, feito monte ao lado do tapiri. É possível que eles comam antes que amadureça, quando a castanha começa a ganhar forma consistente (?). No varadouro que dava acesso ao acampamento, quando saíram do local, deixaram uma tapagem, certamente para que no retorno pudessem observar se alguém tinha os seguido.

Tentamos acompanhar o varadouro, que seguia na direção ao Piranha, para que pudessemos saber onde os mesmos atravessavam o rio, porque, imaginávamos ser esse o varadouro que liga as cabeceiras do igapó Pirarucú com o rio Branco. Depois de aproximadamente 500 Mts. pelo igapó, acompanhando o varadouro com muita dificuldade, encontramos um outro acampamento, da mesma época, aberto (sem cobertura), com 08 (oito) lugares onde foi armada rede. No local havia moquém e tocha para transporte de fogo (fotos nº 23, 24 e 25). Também, ao redor encontramos vários assaizeiros e patoá derrubados, pa

*[Handwritten signature]*



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

20

coletarem o palmito. Vale lembrar que em outros acampamentos já vinha notando esse tipo de coléta. Deste ponto tornou-se impossível seguir varadouro devido o nível das águas muito elevadas, já tínhamos nadar. Mesmo assim, chegamos até o rio deixando uma marca, para quando viessemos de barco podessemos encontrar o local e procurar vestígios na outra margem (anexo nº 11 ).

Dia 11/04/94 seg

Seguimos o varadouro no sentido inverso, deixamos o Piranha e seguindo em direção às cabeceiras do ig. Pirarucú. ( aproximadamente 3 Km saímos no ig. Sucubál (anexo nº 11 ). Pouco antes do referido igarapé, ao lado do varadouro, encontramos uma armadilha caça, utilizada na caça de tatú e páca (foto nº 25 ).

O igarapé também estava muito cheio, com muito igapó, dificultando seguir o varadouro. Depois de uma certa distância (300 Mts.), encontramos a pinguéla (passagem sobre o igarapé) utilizada pelos indígenas para transporem-se o igarapé. Na outra margem havia mesmo um acampamento (de 91/92), este, constituído de três tapiris, já caído. Ao redor do mesmo, encontramos ossos de anta e veado e uma madeira caída, na qual, foi rudemente elaborado um pequeno pilão (foto nº 26 supomos ser para pilar tingul para matar peixe.

Apesar deste acampamento ter mais de 2 anos, indígenas não deixaram de frequentar o local. Encontramos muitos sinais, varadouros de dezembro ultimo. Tentamos seguir os mais significantes, na tentativa de encontrar o caminho mestre, mas, na distante do acampamento os mesmos iam se tornando menos visíveis utilizados só mesmo para caça.

Em nosso retorno, depois que atravassamos o igarapé, encontramos por onde continuava o varadouro cheio. Acompanhamos este por uma distância de aproximadamente 500 Mts, igarapé acima chegando onde não foi mais possível segui-lo devido o igapó. Retornamos desse local, até porque já dispunhamos de dados incontestáveis a cerca da presença indígena naquela região.

Dia 12/04/94 ter

Utilizando o barco, saímos logo de manhã descendo através do Piranha, para localizar o varadouro na margem



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

21

esquerda do mesmo. Com quinze minutos de viagem, encontramos uma madeira de jutaí atravessada sobre o rio, que seria necessária para cota-la e passar o barco. Ao desembarcarmos, vimos uma vara amarrada, fazendo a passagem da mesma para a barranca, observando, constatamos que era a passagem dos indígenas (foto nº 21). Quando subimos não é visível a mesma estar submersa. Foi difícil seguir o varadouro certo: havia tantas quebradas que chegava nos confundir. Havia vestígios de todas as idades. Em alguns varadouros, os arbustos que não foram totalmente quebrados, já estavam completamente cicatrizados, estimamos em mais de dez anos. Após localizar o varadouro mestre, fomos continuar descendo pelo Piranha, chegando até a foz do ig. Jacaré, identificando as fozes do igarapés, para que soubessemos exatamente onde estávamos, o que não foi possível na subida devido o rio estar muito cheio, cobrindo as fozes e seus tributários. Devido muita chuva e ser necessário utilizar cartas geográficas, acabamos desistindo.

Dia 13/04/94 qua

Fomos até próximo do ig. Pirarucú, de barco, para nos orientar a posição exata do nosso acampamento.

Dia 14/04/94 qui

Saimos para expedição à margem esquerda do Piranha, partindo pelo varadouro já localizado naquela margem, nas imediações da ponte indígena sobre o rio. O varadouro tomou sentido rio acima pelo igapó. Referido caminho, era basicamente aberto com instrumentos cortante de metal (só o varadouro mestre, os demais eram abertos sem a utilização dessa ferramenta) e os sinais deixavam claro que utilizaram-o até os meses de novembro/dezembro último, antes da alagação. Acompanhado o igapó pela terra firme, encontramos um outro varadouro, este, com vestígios mais recentes, de aproximadamente dois meses, não deixando dúvidas que o mesmo é utilizado em época chuvosa. Acompanhamos o mesmo no sentido jusante do Piranha. Depois de 2 km (aproximado), nas margens de um ig. grande, perto de sua foz com o rio antes citado, encontramos um acampamento indígena completamente caído (do ano 91/92), constituído de 04 (quatro) tapiris rabo de jacú. No local encontramos panela de cerâmica quebrada, tocha para transporte de fogo e restos de batata de "surucuina ou surucucuina" (utilizada pelos índios Makurap de Rondônia como antiofídico), que deve ser utilizado



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

22

pelo grupo na pesca. Pois, em todos os acampamentos próximos de igara maiores é encontrado a mesma (localização do acampamento, anexo nº 11). Nesse ponto o varadouro desapareceu no baixo do rio, de onde retornamos.

Dia 15/04/94 sex

Acompanhamos o varadouro que seguia pela terra firme, sentido rio acima. Não muito distante, 01Km aproximado encontramos um acampamento de curta permanência, com apenas um tapiri. mesmo havia sido construído no início das chuvas, sendo que na última passagem deles pela região, colocaram palhas novas sobre as outras, ainda estavam verdolengas. Percorrendo o varadouro por mais 02 (aproximado), encontramos um outro acampamento, com três locais onde alojaram-se as famílias, também do ano passado. Neste ponto, o varadouro que vinha pelo igapó juntou-se ao que seguíamos tornando-os em um caminho. Com mais trezentos metros caminhados, encontramos uma sorveira derrubada para coléta de frutos e local onde passaram chuva, amarraram palhas de ubim (palmeira) em um tronco. Continuando ainda pelo mesmo com menos de um quilômetro o varadouro fez uma bifurcação. De onde seguimos o varadouro da direita, que seguia em direção ao norte. Depois de percorrermos aproximadamente 03 Km, encontramos mais um acampamento nas cabeceiras de um igarapé (anexo nº 12). O mesmo não divergia dos outros já encontrados na forma e no material utilizado na construção nos restos da cultura material e resíduo alimentar eram os mesmos. O varadouro dava acesso só mesmo ao acampamento, acima dele, encontramos quebradas de caça e coléta.

Continuamos pelo varadouro que havíamos deixado onde fez a bifurcação, o da esquerda, acompanhando o igapó do Piranha. Percorrendo pelo mesmo cerca de 1.5 Km, encontramos um novo acampamento este, com 05 (cinco) tapiris, um deles coberto com palha de patoá e, restante a céu aberto. No mesmo, além de restos de muito patoá e carne nativo, encontramos montes de cascas de castanha de cotia e, com relação à cultura material, encontramos um cesto (não acabado) tecido com cipitica, pendurado sob o tapiri coberto.

Dia 16/04/94 sab

Continuamos ainda pelo mesmo varadouro. No segundo quilômetro localizamos um outro acampamento indígena, com quatro tapiris em forma de rabo de jacú, já caído. No local encontramos restos de carne



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

23

patoá e ossos de anta. Próximo do acampamento, ao lado do varadouro, <sup>(com igarapés)</sup> um cesto pendurado em uma forquilha, cheio, com andiroba-de-por utilizado para pesca. Deste ponto, do último acampamento localizamos insistimos em seguir o varadouro que voltou a acompanhar o Piranha p. igapó, desistindo depois de caminharmos 1.5 Km, aproximado, só por é alagada, em certas travessias, nadando ( ver localização do tapiri: percurso feito, anexo nº 12 ).

Quando localizamos o varadouro na margem esquerda do Piranha, imaginávamos que esse seria o caminho mestre que ligava cabeceiras do rio Branco às cabeceiras do ig. Pirarucú. Como a tendência do mesmo era em acompanhar o Piranha no sentido montante, pelo igarapó quase que intransponível, decidimos tomar o barco e subir através do rio, até quase suas cabeceiras e fazer uma caminhada em direção Riozinho.

Dia 17/04/94 dom

Utilizando agora o barco com um motor rabeta de HP, as 8:00h começamos a navegar sentido às cabeceiras do Piranha. Por volta do meio-dia, mesmo na barranca do rio, encontramos um acampamento constituído de 04 (quatro) tapiris, a onde os vestígios localizados apontavam que aquele acampamento foi ocupado pelos indígenas no verão 92. No local encontramos panela de cerâmica e pilão para pilar pato. Deixamos para que em nosso retorno fosse feito um levantamento mais consistente nas adjacências. Paramos para pernoite as 16:00h, já acima do ig. do Índio.

Nesse percurso fluvial, até próximo de onde pernoitamos, o rio é excelente para navegar. Já da confluência do ig. do Índio para cima, enfrentamos lugares com passagens extremamente difíceis, onde o leito do rio fica totalmente tomado pelas ramagens e ingazeiros, sendo necessário retirá-las.

Dia 18/04/94 seg

Logo acima de onde pernoitamos, o canal do rio tornou-se limpo, oferecendo novamente condições para desenvolver bem a viagem.

As 15:00h paramos para nos acampar. Local de onde partimos em direção ao Riozinho. Nesse ponto, o rio já estava bastante estreito, não mais que 4 Mts. (cheio) e, já havia muitas quedas sobre seu leito.





Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

24

Dia 19/04/94 ter

Deixamos<sup>x</sup> o acampamento em direção ao Riozinho 9:00h. Por despricliência, perdimos um dia de caminhada. Deveríamos tomado o rumo de 315º N, quando tomamos rumo de 25º N. Só notamos estávamos em rumo diferente a tarde quando paramos para pernoite.

Dia 20/04/94 qua

Retomamos a caminhada, agora em rumo de 300º N direção ao Riozinho, as 7:00h e parando para pernoite as 17:00h.

Dia 21/04/94 qui

Deixamos o local do pernoite as 7:15, chegando Riozinho as 14:20h, extremo sudoeste da área indígena Zuruahá. No por que atingimos o referido rio, o mesmo é navegavel (em época de chuvas medindo mais de 30 Mts. de largura.

Nesse percurso (anexo nº 13) não notam vestígios dos Indígenas. Só na margem direita do Riozinho, encontram sinais, mais muito antigos. Mesmo onde nos acampamos, encontramos local que com certeza há mais de dez anos foi retirado envira em um matamat. A madeira já estava coberta por outra cásca, só sendo possível observ pelas marcas da fibra puxada e, pelos nós criados onde iniciou-se processo de retirada.

Dia 22/04/94 sex

Até ao meio-dia fizemos buscas na margem do rio procura de mais vestígios, o que, devido fazer muito tempo que passara por ali, os sinais ficam quase que impossível ser localizados. Na parte da tarde começamos o retorno, chegando no Piranha as 14:00h do dia 23.

Dia 24/04/94 dom

Começamos baixar as 7:00h, chegando no acampamento as 16:00h.

Em nosso retorno, paramos no acampamento indígena (localizado quando subiamos), para ver que rumo tomava o varadouro. Acompanhamos o mesmo que seguiu no sentido montante do referido rio, não muito distante do acampamento, este continuou pelo igapó, o que nos fez desistir. Na outra margem do rio, também havia um varadouro, sendo gel

*[Handwritten signature]*



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

25

mais antigo, com mais de três anos.

Ainda pretendíamos fazer um levantamento nas imediações da fôz do ig. Pirarucú e, também fazer uma outra caminhada partindo de pouco mais abaixo da fôz do referido igarapé, na margem esquerda do Piranha, atingindo as nascentes da Forquilha Preta (e Branco), mais, devido o "rancho" estar quase no final e também porque há quase uma semana tínhamos perdido o contato com o Kukahã, foi necessário retornar ao barco, na confluência do Aripuanã.

Dia 25/04/94 seg

Levantamos o acampamento, às 9:00h começamos a baixar. Paramos na ponte (pinguela), travessia dos índios e fomos até o acampamento (indígena) onde encontrava-se as panelas de cerâmica para coletar duas das mesmas para servirem como provas materiais. Em troca para que não fossemos ainda mais agressivos, deixamos dois terçados e uma faca.

Não paramos para pernoitar. Viajamos a noite toda (na baixada utilizamos o motor rabeta), chegando na fôz do Aripuanã às 16:30 do dia 26.

Dias 27 e 28/04/94 qua e qui

Esses dois dias tiramos para descanso e para fazer manutenção nos equipamentos.

Dia 29/04/94 sex

Novamente subindo através do Piranha, deixamos o Kukahã ao meio-dia, com destino ao ig. Araça, de onde partiu a caminhada à Forquilha branca e consecutivamente, Forquilha Preta, alto rio Branco (anexo nº 14).

Dia 30/04/94 sab

Chegamos na fôz do ig. Araça às 11:00h. Destaque para o ponto a viagem tornou-se lenta, devido o igarapé ser muito cerrado e ter muitas caldas sobre o seu leito. Às 15:00h paramos para pernoitar, onde também, foi instalado o acampamento.

Dia 01/05/94 dom



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

26

Batemos a região circunvizinha do acampamento buscas de vestígios indígenas. Encontramos sinais antigos, quebrados dispersas pelo igapó. Também, encontramos estradas de seringa trabalhadas à 108 anos. Esse foi o único local, no Piranha, onde encontramos sinais onde foi extraído borracha. Nos demais locais expedicionados, foi constatado a extração da sorva e da copaíba (ver locais de extração de produtos vegetais, anexo nº 15 ).

Dia 02/05/94 seg

Com a canôa leve, só com as bagagens para expedição, tentamos avançar um pouco mais através do igarapé. Ao meio dia, onde o mesmo dividiu-se em volumes quase iguais, tornou-se muito raso e estreito, sem condições de navegação. Nesse ponto deixamos o barco e continuamos em rumo de 310º N, em direção ao alto rio Branco (Forquilha Branca e Preta). Mesmo no local onde deixamos o barco, encontramos o ig. Araça e o seu tributário, encontramos vestígios dos indígenas quebradas de aproximadamente dois meses.

Paramos para pernoite às 16:00h. No trecho percorrido nesse dia, encontramos mais sinais dos isolados, não nos deixando dúvidas que aquela região é ocupada em perambulações a procura de caça e coléta.

Dia 03/05/94 ter

Retomamos a caminhada às 7:30h. Ao meio dia encontramos um varadouro antigo, sendo até a alguns anos (aproximadamente seis anos) muito utilizado, cortando no sentido norte/sul. A princípio tivemos dúvidas, seguindo o mesmo, confirmamos que era uma picada cortada não indígena. No mesmo encontramos gravado em uma sorveira as iniciais "F".

Deixando o varadouro, continuando no rumo anterior, parando às 15:00h, em um igarapé grande, correndo, já para o rio Branco. Nas margens do mesmo encontramos mais sinais dos índios, não rescentes.

Dia 04/05/94 qua

*[Handwritten signature]*



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

27

Saimos as 8:00h. Pouco antes de alcançarmos Forquilha Branca, por volta das 13:00h, encontramos novamente varadouro localizado no dia anterior e, outravez encontramos as iniciais "M" gravada em uma madeira. Pelo referido varadouro chegamos no F. Branca as 14:00h.

Datemos a região, a margem direita do F. Branca encontrando muito vestígios dos índios. Por onde andava ao encontrar se quebradas, mas não recentes, eram vestígios de mais de três anos.

Dia 05/05/94 qui

Tomamos agora rumo de 320° N, em direção colocação do sr. Jorge, localizada na margem direita do F. Preta. Atravessamos o Forquilha Branca, na terra firme, encontramos o acampamento dos isolados. O acampamento tinha as mesmas características dos já encontrados nas cabeceiras do Piranha e, era constituído de quatro tapiris, já caídos. Encontramos no seu entorno moquém, batata de surucuína, pilão de casca de jutaí, patoá nascido e um pedaço de arco de âmago o qual coletamos. O acampamento aparentava ter sido construído e ocupado à mais de três anos.

As 14:00h começamos a encontrar sorveira sangradas e piques vindos da direção do F. Preta. As 16:00h chegamos na colocação do sr. Jorge, constatando que realmente o extrativista não voltou mais ao local depois de 91. As casas (duas) já estavam caídas completamente cobertas pela vegetação, que recompunha sua forma primitiva. Próximo à colocação, em uma copaibeira, tornamos encontrar as iniciais "MF", nela gravada.

Dia 06/05/94 sex

Bem de manhã, atravessamos o Forquilha Preta a procura de vestígios dos indígenas. Não encontramos. As 9:40h começamos o retorno, chegando no F. Branca as 15:00h. O resto da tarde aproveitamos para pescar, garantindo o alimentação em nossa volta até onde havia ficado a canôa, pois, a nossa mercadoria já havia acabado.

Dia 07/05/94 sab

Deixamos o F. Branca as 8:00h, chegando onde estava o barco, ig. Araça, as 17:00h e as 20:00h chegamos no acampamento de baixo de uma forte chuva, que se estendeu pela noite



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

28

toda.

Dia 08/05/94 dom

Começamos a baixar as 9:00h e as 16:50h chegamos no Kukahã.

A fóz do Aripuanã foi eleita como local estratégico para instalação de um posto de vigilância. Portanto, os dois membros que haviam permanecidos no barco, ficaram com a missão de reabrir uma capoeira para a implantação de uma pequena roça para atender as necessidades da equipe, servindo também como ponto de referência. No nosso retorno a mesma já estava pronta.

Dia 09/05/94 seg

Com retorno à Lábrea, deixamos a fóz do Aripuanã as 14:00h. Chegamos na Ressaca da Onça as 16:40h, onde pretendíamos conversar com os moradores, na tentativa de obter algumas informações a cerca dos isolados. Dessa vez foi possível coletar algumas informações, já descritas no início deste relatório. Obtivemos informações, também, que o sr. Raimundo Moreira havia comunicado na Rádio Riomar que estava vindo de Manaus, naquela semana, com destino ao rio Piranha para resolver a questão da madeira.

Diante desta informação, decidimos permanecer o tempo necessário para evitar que o mesmo tentasse novamente, retirar as madeiras explanadas.

Dias 10 à 13/05/94 ter à sex

Passamos na Ressaca da Onça visitando a casa dos moradores, inclusive de indígenas Banawá, obtendo informações e também, tentando convence-los a não mais perturbar os índios isolados. Também, apresentamos os registros audiovisuais aos indígenas Banawá, fazendo comparações da cultura material entre os dois grupos (Banawá/Hi'merimã)

No dia 12, o indígena Pedro comunicou-nos sobre o convite que havia recebido do missionário do Summer (Robert And Barbara Campbell), para contatar o grupo isolado.

Na tarde do dia 13, retornamos para a confluência do rio Aripuanã, onde ficamos aguardando a chegada do sr. Raimundo Moreira, permanecendo no local até o dia 17.



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

29

Dia 17/05/94 ter

O madeireiro até nessa data não havia aparecido e as águas do Piranha já tinha baixado muito, não oferecendo mais condições de navegar (até o próximo inverno) com embarcações de grande porte, como a balça utilizada pelo sr. Moreira, resolvimos baixar. Assim, as 4:30h deixamos a fóz do Aripuanã, parando para pernoite as 22:00h, já na fóz do Tapauá.

A balça Bororó, utilizada pelo sr. Moreira, encontramos abandonada na colocação São Joaquim, abaixo da confluência do rio Branco.

Dia 18/05/94 qua

Saimos as 7:00h, chegando em Canutama as 2:30h do dia 19.

Tomados pelo cansasso da viagem, após atracar a embarcação no flutuante da FNS, fomos dormir. Passado uma meia-hora, o flutuante desprende-se, com todas as embarcações (cinco com o Kukahã) e, decimos batendo em outras embarcações. Para dificultar mais ainda a carga da bateria havia caído impossibilitando o funcionamento do motor de imediato para que podessemos evita que batessemos. O barco Kukahã e as embarcações da FNS não sofreram nenhum dano, só o deslizador que tínhamos tomado emprestado do DSY/Labrea, ficou parcialmente danificado.

Depois de rebocar o flutuante para o mesmo local onde estava, as 10:00h, saimos passando pelos Jumas, chegando à Lábrea no dia 21 as 9:40h.

09 - COMENTÁRIOS:

Há de se observar, uma vez que um grupo isolado mantém o primeiro contato com a sociedade envolvente, a tendência dos novos contatos é ocorrerem em espaço de tempo cada vez menor. Porém, do que levantamos, com esse grupo o processo de contato regrediu, ainda bém. Tudo nos aponta, que nas ultimas décadas (depois de 50), esse grupo foi violentamente de alguma forma massacrado pelos exploradores selvagens das riquezas naturais existentes, em seu berço secular, sendo expulso, espoliado e dezimado pela ganância dos invasores.

A ação nefasta na ocupação da região para





Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

30

exploração dos produtos vegetais e da caça e pesca comercial, não prematuro afirmar, que forçou este grupo à uma mudança radical em seus hábitos em geral. Pois sabemos, que os povos Aruak são agricultores sedentários, ao qual complexo é certo que o grupo isolado pertence. No entanto, constatamos que o mesmo não cultiva e assimila as características de um povo nômade, isso atribui-se ao fato, de ter que empreender-se em fugas constantes, em seu próprio território, evitando outros contatos nocivos com o "homem branco", tentando sobreviver fisicamente. Além do grupo estar impedido de desenvolver a agricultura de subsistência, na sua perambulação a procura de caça, pesca e coléta os seus integrantes, correm o risco de cair nas armadilhas (co espingarda cartucheira), deixadas pelos invasores nos barreiros de ant e de outros animais.

A situação dos índios isolados e das áreas circunvizinhas não é irreversível, na verdade, chegou a esse nível de invasão dado ao fato de nunca ter havido efetividade, trabalho consistentes na área.

A criação de um posto de vigilância na foz do Aripuanã, com a permanência de no mínimo quatro funcionários, com atuação pelo rio Branco e nas áreas indígenas Banawá-Yafi e Jarawára/Jamamadi/Kanamati e a instalação de um outro posto no Ig. Canuarú, definitivamente, resolveria os problemas que assolam os índios isolados e as referidas áreas indígenas. Pergunta-se, porque incluir índios já contatados no Sistema de Proteção de Índios Isolados? A intenção não é incluir ou excluir. O propósito é manter a vigilância no entorno do território do grupo isolado. Como as áreas indígenas fazem limite circundando-o pelo lado leste/sudoeste, é extremamente importante a proteção destas áreas, que serviria como cinturão de segurança aos isolados, pois, os principais meios de acesso (fluvial e único) corta e/ou passa nos seus limites. Também, claro, traria benefícios aos Banawás, Jarawáras e Jamamadis, que muito queixão-se das suas terras invadidas. Para isso o primeiro passo seria a retirada de todos os invasores que ainda ocupam as referidas áreas indígenas e a regularização fundiária das mesmas.

É bom lembrar, que estamos atentos para não nos interferir nos trabalhos da ADR que detêm essas áreas sob sua



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

31

Jurisdição. No caso, sugerimos a possibilidade de uma ação em conjunto na questão tangente a fiscalização nas áreas envolvidas.

Apesar da extrema necessidade da implantação sistema de vigilância, criando postos no Piranha e no ig. Canuaru para garantir que o grupo isolado continua existindo, corre o risco de não ser efetivado, devido a deficiência de recursos humano da Equipe que está reduzido à duas pessoas, com atuação em vários pontos no Purus. Com esse efetivo, torna-se impossível obter os resultados desejados. Quando realiza trabalhos em uma determinada região é necessário deslocar para outra, quando retorna, o trabalho já perdeu seu efeito devido longo período ausente.

O fato da área não ser, ainda, oficialmente reconhecida, dificulta muito os trabalhos que diz a respeito fiscalização, devido não termos respaldo legal para agir com maior rigor. Portanto, é indispensável a interdição da área constatada a ocupação dos índios isolados, para nos respaldar juridicamente nas ações para coibir interferências de terceiros na área em questão (Proposta de Interdição, anexo nº 16 ).

Nas informações cedidas pelos regionais indígenas, deixa margem para ser interpretado a existência de dois grupos distintos. Porém, acho muito remota essa possibilidade acreditando e trabalhando com a hipótese de grupo subdividido pertencentes à um mesmo tronco, com certeza Aruak. Pois, em nada divergem os vestígios e peças da cultura material, encontradas do ig. Pirarucú a rio Branco.

O período em que optamos para realizar esse levantamento, nos proporcionou maior penetração, alcançando o alto dos rios e igarapés através de barco. Por outro lado, houve dificuldades principalmente para localizar e acompanhar os vestígios indígenas devido os baixos estarem muito alagados, sendo preferido por eles deixando claro que a área é ocupada assim no período não chuvoso. Também o desgaste do material, nesse período, acontece de forma muito rápida devido às condições impróprias que são submetidos. Resumindo, é ainda melhor época para se trabalhar na região, porque muito difícil os indígenas serão encontrados nas margens do Piranha, o que evita que os <sup>mesmos</sup> indígenas sejam atropelados.

10 - MEDIDAS NECESSÁRIAS:



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

32

Para dar sequência nos trabalhos já em  
realizados, garantindo a integridade física e cultural do grupo isolado,  
é necessário as seguintes medidas:

- Interditar com maior brevidade possível a área ocupada pelo grupo isolado, conforme proposta em anexo (anexo nº 16) a qual sugerimos ser denominada "HI'MERIMÁ" (nome próprio do grupo).
- Instalação de postos de vigilância no ig. Canuarú e na fôz do rio Aripuanã.
- Reestruturar a Frente de Contato Rio Purus com recursos Humanos.
- Manter entendimentos com a ADR de Rio Branco/AC, para possível ação de fiscalização em conjunto nas áreas indígenas localizadas nas adjacências do território dos índios isolados.
- Desentrusar (retirar invasores posseiros) as áreas Banawá-Y. e Jarawára/Jamamadi/Kanamati.
- Acionar IBAMA para realizar operações de fiscalização no rio Piranha, entre os meses de maio à setembro de cada ano, para coibir a caça e pesca ilegal, cumprindo assim com aquilo que lhe compete.
- Ver possibilidade da Equipe ser preparada e credenciada pelo IBAMA, para reprimir as atividades ilegais no interior das adjacências de áreas indígenas, inclusive, habilitada para a aplicação de multas.

11 - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

PERCURSO X TEMPO X CONSUMO

Ida		
Lábrea/Canutama	10:20h	122.4Lts
Canutama/Fôz do Tapauá	9:00h	108.0Lts
Fôz do Tapauá/Fôz do Cuniuá	5:30h	63.6Lts
F. Cuniuá/F. do Piranha	6:40h	76.8Lts
F. do Piranha/Ressaca da Onça	5:00h	60.0Lts
R. da Onça/Fôz do Aripuanã	4:10h	49.2Lts
TOTAL.	40:50h	480.0Lts

PERCURSO X TEMPO X CONSUMO



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

33


Volta		
Fóz do Aripuanã/R. da Onça	2:40h	28.8Lts
R. da Onça/P. Piranha	3:37h	40.4Lts
F. Piranha/F. do Cuniuá	6:20h	74.4Lts
F. Cuniuá/F. do Tapauá	4:10h	49.2Lts
F. Tapauá/Canutama	17:10h	205.2Lts
Canutama/Lábrea	19:45h	233.4Lts
TOTAL.	57:42h	631.4Lts

PERCURSO X TEMPO X CONSUMO (UTILIZANDO MOTOR DE PÓPA 40HP)

Fóz do Aripuanã/F. Araçáq	4:00h	50Lts
F. do Araçáq/Pirarucú	3:00h	37Lts
F. Pirarucú/Acampamento	3:30h	43Lts
Acampamento/Ig. Branquinho	8:00h	15Lts
TOTAL.	18:30h	145Lts

OBS: Não está incluído a viagem aos Jumas.

Lábrea, em 20 de junho de 1994.

  
**Riedi Franciscato**  
 Ch. Frente de Contato Rio Patus  
 PP n.º 1092 do 26/10/93



Fundação Nacional do Índio — FUNAI  
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

ANEXOS:

- Nº 01 Fotografias (36)
- Nº 01A Relatório de Viagem de Olga Maria Navarro Pinto
- Nº 02 Croqui de contatos, conflitos e vestígios indígenas
- Nº 03 Cópias de Jornais diversos sobre massacre indígena (07)
- Nº 04 Ofício nº 001/FCRP/94 de 15/03/94
- Nº 05 Mapa AIN. Banawá-Yafi, localização Ressaca da Onça
- Nº 06 Croqui do percurso realizado: Fluvial e terrestre
- Nº 07 Termo de Notificação
- Nº 08 Croqui de localização do acampamento
- Nº 09 Croqui da retirada de madeiras
- Nº 10 Croqui da Caminhada ao Mamorlazinho
- Nº 11 Croqui da caminhada margem direita do Piranha e ig. Sucubal
- Nº 12 Croqui da caminhada na margem esquerda do rio Piranha
- Nº 13 Croqui da caminhada ao médio Riozinho
- Nº 14 Croqui da caminhada à Forquilha Branca/Preta (rio Branco)
- Nº 15 Croqui da exploração de vegetal
- Nº 16 Memo nº 043/FCRP/94, encaminhado Memorial Descritivo e Mapas com área protada, solicitando interdição.
- Nº 17 Demonstrativo da disposição da área propósta, entre outras áreas indígenas
- Nº 18 Relação de missionários do SUMMER, que atuão ou atuaram nas áreas indígenas da região